



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A CONSCIÊNCIA DA FINITUDE COMO SAÚDE EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ¹

Crislane Ap. Nogueira Dias ^{*}

Pollyanna Campos Vicentini ^{**}

Alexandre Britto Pereira ^{***}

RESUMO

Este artigo explora como a consciência da finitude ou o ser-para-a-morte, proposto por Heidegger, contribui para a construção da saúde existencial na contemporaneidade. O Estudo identifica a alienação da consciência da finitude como um fator que impacta negativamente a saúde existencial, destacando como as estruturas culturais atuais favorecem para tal alienação. Para a compreensão existencial proposta neste estudo, revisita-se as contribuições de 1) Byung-Chul Han, em sua reflexão sobre a Sociedade do Cansaço; 2) Martin Heidegger, em sua crítica à questão da Técnica; 3) Maria Madalena Magnabosco em suas reflexões sobre a cultura hedonista e 4) Ivan Illich, que destaca em seus estudos, a evitação da morte e do sofrimento. A análise revela que a consciência da finitude não deve ser encarada como algo negativo, mas como um caminho para uma vida autêntica, caracterizada pela liberdade, pela abertura e pelo sentido. A saúde existencial, conforme Forghieri, é a capacidade de viver de forma autêntica, enfrentando as angústias e os desafios. O estudo conclui que integrar a finitude à experiência cotidiana possibilita uma vida mais significativa e autêntica, tanto no aspecto existencial quanto na saúde mental.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológico-Existencial – Finitude – Contemporaneidade - Saúde Existencial - Alienação da Finitude.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como a consciência da finitude, o ser-para-a-morte, pode contribuir para a construção da saúde

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

^{*} Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do UNIPAC Barbacena. E-mail: nogueiracrislane12@gmail.com

^{**} Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do UNIPAC Barbacena. E-mail: vicentinipollyanna@gmail.com

^{***} Orientador, psicólogo, mestre em psicologia, docente e coordenador do Curso de Psicologia do UNIPAC Barbacena. E-mail: alexandreperreira@unipac.br

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

existencial na contemporaneidade. Parte-se do pressuposto de que aspectos culturais predominantes, como o hedonismo, o produtivismo, a medicalização e a negação da morte desempenham um papel central na condição, diametralmente oposta, de alienação da consciência da finitude, impactando diretamente a relação do ser humano em sua (co)existência.

Para o desenvolvimento de tal estudo, a metodologia utilizada foi a revisão narrativa de literatura, ancorada na Fenomenologia Existencial, através do livro *A Escuta e a Fala em Psicoterapia*, de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2010), que apresenta, entre outras, as contribuições de Martin Heidegger em sua proposta de uma Análise Existencial. Além disso, foram englobados autores e perspectivas que dialogam com a fenomenologia existencial, contribuindo para uma compreensão mais ampla da relação entre a consciência da finitude e a construção da saúde existencial no contexto cultural contemporâneo, a saber: 1) Byung-Chul Han, com sua reflexão sobre a sociedade do cansaço e suas implicações no esgotamento mental; 2) Martin Heidegger, com sua crítica à questão da técnica como elemento que obscurece a essência do ser; 3) Maria Madalena Magnabosco, que analisa os impactos, para o ser humano, de sua imersão em uma cultura hedonista e 4) Ivan Illich, que aborda a sociedade medicalizada e suas consequências para a autonomia e a relação com a vida e a morte. Essas perspectivas permitirão compreender como as estruturas culturais atuais contribuem para a alienação da consciência da finitude, bem como suas implicações no sofrimento existencial.

O presente trabalho se justifica pela necessidade, cada vez mais clara, de refletir sobre como a alienação da consciência da finitude, fomentada por aspectos culturais predominantes, impacta a saúde e o sentido de existência na contemporaneidade. Frente ao imperativo de uma cultura que frequentemente nega a morte e privilegia a produtividade, o hedonismo e a medicalização, faz-se necessário refletir sobre como a aceitação da finitude pode promover, para o ser humano, uma relação mais autêntica com a vida e com o outro.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicologia Fenomenológica busca estudar os fenômenos da forma em que se apresentam à consciência. Ou seja, “o seu objeto de estudo é a Consciência” (Massimi; Peres; 2019, p 77). Essa psicologia se difere e se afasta, epistemologicamente, das teorias psicológicas, tais como o behaviorismo, a psicanálise, a psicologia cognitiva, a psicofísica ou mesmo a psicobiologia, seja por sua metodologia, pelo objeto de estudo ou mesmo pelos seus fins (Massimi; Peres; 2019).

A Psicologia Fenomenológica nos mostra que a consciência é constituída por diferentes vivências, tais como as sensações, os sentimentos, os processos de pensar, imaginar, perceber, julgar, amar, recordar, conhecer, entre outros. Neste mesmo sentido, os objetivos da Psicologia Fenomenológica são:

- a) clarificar a estrutura essencial do fluxo de consciência; b) classificar as vivências; c) descrever a estrutura essencial das diferentes vivências intencionais; d) clarificar conceitualmente as principais noções da psicologia: representação, percepção, sentimento, imaginação, lembrança, intuição, experiência, atos significativos, intencionalidade, motivação, corpo próprio (Peres, 2019, p. 73).

Os objetivos acima deixam claro que “[...] só é possível chegar no fenômeno como ele se apresenta, e não através de sistemas de verdades e suas premissas ou hipóteses, tomadas como ponto de partida” (Feijoo, 2010, p. 36). Neste aspecto, a Psicologia Fenomenológica busca explorar e compreender como os fenômenos são percebidos e vivenciados, investigando a experiência subjetiva do observador, o que enfatiza a importância da subjetividade, sempre valorizando a experiência pessoal do sujeito e partindo de seu mundo vivido.

O autor Martin Heidegger (1879-1976), desenvolveu sua própria fenomenologia. Partindo dos trabalhos de Edmund Husserl (1859-1938), bem como dos escritos do dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855), considerado o primeiro filósofo existencialista, Heidegger apresenta duas

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

importantes contribuições: a) a Análise Existencial, construída conjuntamente com o Psiquiatra Suíço Medard Boss (1903-1990) e a proposta de uma b) Fenomenologia Hermenêutica, focada na interpretação e compreensão dos significados que o ser humano atribui às vivências ontológicas de sua existência, sempre permeada pela linguagem e reflexão sobre os diversos discursos culturais para chegar à compreensão de suas próprias ações.

Neste contexto, a Fenomenologia Existencial e Hermenêutica, ou simplesmente Fenomenologia Hermenêutica, oferece uma perspectiva valiosa de compreensão para as chamadas questões existenciais, tais como: Liberdade, Coexistência, Temporalidade, entre outras e, principalmente, como objeto de estudo deste trabalho, a Finitude, tomada aqui como um dos fundamentos da existência apontados pela Análise Existencial de Heidegger: o ser-para-a-morte.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA DA FINITUDE

A Fenomenologia Hermenêutica e a Análise Existencial no pensamento de Martin Heidegger (1879-1976) dedicam-se à interpretação e compreensão dos significados que o ser humano atribui às vivências de sua existência, sempre permeada pela linguagem e reflexão para chegar à compreensão de suas próprias ações. A análise existencial proposta por Martin Heidegger investiga a estrutura fundamental do ser humano. Ele parte da seguinte reflexão: “A impossibilidade de definir o ser não dispensa a questão do seu sentido” (Heidegger, 1989 *apud* Feijoo, 2010, p.76), indicando que, embora seja impossível reduzi-lo a uma definição exata, isso não exclui a necessidade de questionar seu sentido, aliás, a complexidade do ser é o que justamente exige essa investigação. Tal investigação implica em considerar o ser humano como um ser de sentido e compreensão, imerso em uma coexistência permeada por conteúdos culturais que o circundam. Nesse contexto, o ser é convocado a interpretar e compreender sobre suas vivências em relação a si-mesmo, ao outro e ao mundo.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Para orientar tal investigação, a Análise Existencial de Heidegger propõe que existem fundamentos universais, ontológicos, que fundam a existência humana, que são comuns para qualquer ser humano e independem do contexto cultural, geográfico ou temporal. Ao contrário de uma ontologia tradicional, que se limita a classificar, mensurar e definir os entes³, a ontologia existencial busca desvelar o sentido do ser-em-si, de maneira profunda e essencial. O autor, em sua obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927, propõe relações fundamentais, ontológicas, que determinam ou orientam a vida do ser humano, a saber: 1) ser-no-mundo, 2) ser-com-o-outro, 3) ser-para-a-morte, 4) liberdade, 5) sentido, 6) abertura, 7) moralidade e 8) cuidado.

Esses fundamentos ontológicos da existência convocam o ser humano a lidar com eles por meio das suas próprias compreensões frente aos conteúdos culturais, sendo compreendidos, portanto, como as chamadas Tarefas Ontológicas. Cada Tarefa Ontológica convoca o ser humano a importantes reflexões existenciais, tais como o seu modo-de-ser-e-viver ou sobre como realiza suas decisões e encampa seus projetos de vida. Tomar consciência das Tarefas Ontológicas, ou seja, viver a consciência de se comprometer a lidar com elas, lança o ser humano na sua condição de maior autenticidade e clareza sobre seu ser, sempre em relação com o mundo. Tal empreitada convoca o ser humano a tomar consciência do seu processo de vida, tendo a possibilidade de alertá-lo para sua condição de finitude. Tomar consciência do ser-para-a-morte implica em compreender que o ser humano não tem a eternidade e que é um ser finito, sem garantias e controle sobre a vida. Neste sentido, o objeto deste estudo recai, especificamente, sobre a Tarefa Ontológica relacionada ao elemento existencial da finitude humana: o ser-para-a-morte. De acordo com Heidegger, a realização das tarefas ontológicas, em específico a tarefa ontológica da finitude, irá conduzir o ser humano para a reflexão e busca do seu sentido mais próprio de existência.

³ “Ente diz respeito à expressão do ser em todas as suas modalidades. É ele que dá abertura previamente à tematização do ser” (Feijoo, 2010, p. 79-80). Ou seja, ente abrange tudo aquilo que existe – tudo o que encontramos no mundo, pensamos, acreditamos ou questionamos.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Para o autor, a finitude não é um evento distante, uma limitação externa ou apenas o último momento da vida, mas uma possibilidade constante e essencial para o ser humano refletir sobre seus projetos existenciais, uma condição que permeia cada instante da existência.

A consciência do “ser-para-a-morte”, de que o ser humano é finito vai além do simples fato físico de morrer. Para Heidegger, reconhecer a própria finitude é essencial para alcançar uma existência autêntica, pois, conforme aponta Evangelista (2023), a morte representa a possibilidade mais autêntica, singular, inevitável e intransferível que define o *Dasein* (ser-aí em alemão), termo usado por Heidegger em substituição ao termo ser humano - enquanto único ente capaz de refletir sobre sua própria existência. De acordo com Feijoo (2010, p.93), “o ser-aí só se totaliza com a morte”, pois, em sua existência, o ser-aí se constitui como inacabado. A morte, enquanto fenômeno da vida, é considerada um fundamento essencial do ser-aí, que se manifesta, segundo Feijoo (2010) nas seguintes dimensões: 1) pendência, 2) findar, 3) não-totalidade, 4) totalidade, 5) ser-para-o-fim e 6) antecipação.

Primeiramente, em uma perspectiva heideggeriana, a morte reflete a 1) pendência do que o ser-aí ainda poderá ser, simbolizando o “ainda-não” de sua existência. “O ser-aí sempre existe no modo em que seu ainda-não lhe pertence” (Feijoo, 2010, p. 93). Ao mesmo tempo, a morte representa o 2) findar: “Não ser mais presente como situação de se chegar-ao-fim” (Feijoo, 2010, p. 93). Sua existência, portanto, oscila entre as possibilidades de ser e de não-ser, onde o fim não representa uma conclusão absoluta, mas a interrupção de sua vivência enquanto ente no mundo.

O ser-aí só se totaliza com a morte, mas essa totalização está marcada pela 3) não-totalidade. Ele não testemunha sua própria completude, pois, ao morrer, deixa de viver. Assim, o ser-aí alcança sua 4) totalidade apenas no momento em que já não pode experienciá-la, o que lhe confere um caráter paradoxal. Esse encerramento final confere ao ser-aí uma singularidade insubstituível, em que se constitui como ser único e solitário, reconhecendo-se

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

em sua finitude. Ao antecipar a própria morte, o ser-aí se certifica de sua finitude e de uma totalidade que jamais poderá ser completamente alcançada.

Ao assumir o 5) ser-para-o-fim, o ser-aí também “assume a morte como modo de ser” (Feijoo, 2010, p. 94). O reconhecimento de sua própria mortalidade implica uma compreensão da própria existência. Dessa forma, a 6) antecipação da possibilidade da morte é um movimento de abertura para a realidade da própria finitude. Nessa antecipação, o ser-aí compreende a morte como algo inevitável e, assim, encontra-se com sua singularidade mais autêntica, ao reconhecer o ser-para-o-fim como uma dimensão essencial de sua existência e como tarefa ontológica.

A partir dessa perspectiva fenomenológica, faz-se possível refletir sobre como a consciência da finitude se relaciona com a saúde existencial. Sabe-se que ao aceitar a própria finitude, ao lidar com a tarefa ontológica do ser-para-a-morte, *Dasein*, é convocado a viver de maneira mais autêntica, fazendo escolhas que refletem seu ser mais profundo. Porém, cabe questionar sobre uma cultura contemporânea ocidental hedonista, que se pauta pela negação da tarefa ontológica do ser-para-a-morte, proporcionando o que, neste trabalho, chamaremos de alienação da consciência da finitude. Ainda, a alienação da consciência da finitude poderia interferir no processo de construção de uma saúde existencial? Este tema será aprofundado na próxima seção que apresentará uma reflexão sobre como a cultura ocidental contemporânea lida com a questão da tarefa ontológica do ser-para-a-morte ou a consciência da finitude.

1.2 ALIENAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA FINITUDE: OS ASPECTOS CULTURAIS QUE FUNDAMENTAM A ALIENAÇÃO DA FINITUDE

Para compreender o fenômeno da alienação da finitude, propõe-se neste estudo a compreensão pormenorizada dos seguintes aspectos culturais: 1) a sociedade do cansaço, abordado pelo autor Byung-Chul Han, que descreve a

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

exaustão física e mental resultante da pressão por produtividade, destacando as dinâmicas da contemporaneidade em torno da pressão por desempenho e da medicalização; 2) a sociedade produtiva, a partir da Crítica à Técnica produzida por Martin Heidegger, que expõe como a visão instrumental do mundo impacta profundamente a autocompreensão do ser humano; 3) a cultura hedonista, evidenciada pela autora Maria Madalena Magnabosco, caracterizada pela busca incessante por prazer e satisfação imediata, e 4) a sociedade anestesiada, tema trabalhado por Ivan Illich, pela qual a tecnologia médica e o uso generalizado de medicamentos são vistos como soluções predominantes para diversos problemas da existência humana, refletindo uma mudança significativa tanto nos valores sociais quanto nos modos de viver e ser.

Na era contemporânea, como primeiro elemento destacado, a sociedade do cansaço surge como um aspecto marcante, caracterizada por uma constante pressão por produtividade. Giovanetti (2023, p. 18), com base nas ideias do filósofo Byung-Chul Han, reflete sobre a transformação social que deu origem a essa sociedade. Esse fenômeno representa uma mudança nos valores e na dinâmica social, configurando uma nova forma de organização, centrada na busca incessante por poder e desempenho. Giovanetti enfatiza as palavras de Han ao descrever essa nova forma de organização social:

A sociedade disciplinar de Foucault que se faz de hospitais psiquiátricos, cárceres, quartéis e fábricas, já não se corresponde com a sociedade de hoje em dia. Em seu lugar, se tem estabelecido desde muito tempo outra completamente diferente, a saber: uma sociedade de ginásios, torres de oficinas, bancos, aviões, grandes centros comerciais e laboratórios genéticos. A sociedade do século XXI não é disciplinar, e sim uma sociedade do rendimento. (Han, 2015 *apud* Giovanetti, 2023, p. 18).

A sociedade que predominou nos séculos passados era caracterizada por regras de conduta, fundadas em normas sociais e institucionais, tais como, escolas e fábricas que se centravam no controle e disciplina do indivíduo. Era um modelo social marcado pela punição e pela imposição de limites rigorosos

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

para padronizar comportamentos, produzindo restrições dos modos de ser e viver, constituídas, então, por uma pauta predominantemente moral.

Na contemporaneidade, a necessidade de produção por meio do trabalho também restringe as possibilidades de ser e viver, porém, não mais por uma pauta moral, mas sim pela necessidade hegemônica de obtenção de recursos, como o dinheiro, bens de consumo e serviços. Sob uma extensa jornada de trabalho não resta tempo para o ser humano contemporâneo confrontar as questões existenciais que lhe atravessam. Novamente, Giovanetti traz as palavras de Han: "a sociedade do rendimento como sociedade ativa, está convertendo-se paulatinamente em uma sociedade da dopagem" (Han, 2015 *apud* Giovanetti, 2023, p.19), provocando um cansaço e um esgotamento.

Han critica a forma como a sociedade moderna converte vivências normais da vida cotidiana, como tristeza, ansiedade, cansaço e falta de produtividade, em distúrbios clínicos que são rapidamente diagnosticados. A sociedade da dopagem transforma questões existenciais da vida em transtornos, o que resulta em uma crescente patologização da vida cotidiana. A partir do excesso de diagnósticos, o uso de fármacos é intensificado, pois é visto como uma solução rápida para os problemas gerados pela pressão da sociedade de desempenho, criando uma justificativa para o uso de medicamentos que prometem restaurar o indivíduo à sua plena capacidade de produção, afastando o *Dasein* da necessidade de lidar com as questões existenciais que o atravessam. Tal contexto é compreendido como um conjunto de falhas a serem corrigidas e os fármacos são compreendidos como ferramentas para restaurar o indivíduo à sua plena capacidade produtiva, legitimando a exigência de altos níveis de desempenho, aumentando a dopagem e o uso de fármacos para maximizar a produtividade.

Na sociedade da dopagem, os fármacos usados para suprimir os sintomas e restaurar a produtividade se tornam parte de uma cultura que exige que as pessoas estejam sempre *no seu melhor*. O uso de fármacos se

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

normaliza a tal ponto em que muitas pessoas não veem mais tal ação como algo problemático. Com isso é possível perceber a perigosa relação da cultura da analgesia com a medicalização, uma vez que o cuidado com a saúde é substituído pelo desejo de manter a produtividade, normalizando uso de medicação, fazendo com que *Dasein* se torne cada vez mais dependente de soluções químicas para lidar com os desafios da vida moderna.

Nessa cultura da analgesia para a produtividade, o ser humano é constantemente incentivado a internalizar a pressão para produzir mais e melhorar a eficiência, tornando-se cada vez mais exigente em relação a si mesmo. Esse excesso de autocrítica e a supervalorização do sucesso a qualquer custo têm normalizado, na vida cotidiana, um estado de exaustão mental e físico, fenômeno que Han (2015), citado por Giovanetti (2023, p. 18) descreve como a *sociedade do cansaço*.

A partir das contribuições e reflexões de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço, que descreve sobre a exaustão física e mental decorrente do excesso de produtividade, destaca-se a compreensão das dinâmicas da contemporaneidade em torno do desempenho e da medicalização. No entanto, como o autor fundamental do nosso estudo, Martin Heidegger traz uma importante contribuição sobre a contemporaneidade: A sociedade produtiva, a partir de sua Crítica a Técnica, tema a ser explorado no próximo tópico.

1.3 A QUESTÃO DA TÉCNICA

Como segundo elemento destacado, a sociedade produtiva, o filósofo Martin Heidegger aponta uma questão fundamental para a compreensão da cultura ocidental: o tecnicismo. Em seu texto “A Questão da Técnica” (Heidegger, 2007), o autor critica a técnica moderna, afirmando que essa se relaciona a um modo de “desvelamento do real que reduz tudo a recurso” (Braz, 2018, p. 159). O saber, que antes preservava os sentidos de produção e transformação do mundo pelo trabalho, era manifestado pelas técnicas,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

passado de geração a geração, com o intuito de preservação do conhecimento e costumes. Para esse autor, as culturas ocidentais, ao focar apenas e essencialmente nas técnicas, compreendidas unicamente como obtenção de recursos para lucros, passam essa visão instrumental do mundo, que afeta diretamente a forma como o ser humano se compreende. O ser humano é inicialmente aberto ao mundo e se constitui a partir das vivências e conjunturas que experiência em seu contexto de vida, às quais atribui sentido. No contexto atual, no entanto, esse processo de constituição de sentido tem se mostrado esvaziado e empobrecido, fato que ocorre no mundo da técnica, que molda profundamente a forma de ser e de se relacionar com o real.

Para Heidegger, o ser humano é o ente privilegiado⁴ que, através da linguagem, constrói representações subjetivas sobre os fenômenos, atribuindo-lhes significados e sentidos próprios de sua cultura. O conhecimento humano, de acordo com Heidegger, está ligado a esses significados e a experiência do ser com o real. Assim, o conhecimento cumpre um propósito essencial: preservar os costumes e a cultura desenvolvida por meio da técnica.

Para Heidegger, focar apenas nos entes leva a uma superficialidade da realidade, enquanto questionar o ser, permite entender o que realmente significa *existir*. O ser é o que possibilita a existência dos entes, ou seja, é a condição que permite que qualquer ente exista e seja testemunhado. Para Critelli (2006, p. 75), “não basta aos entes estarem simplesmente por aí para serem reais”; para que algo atinja sua plena existência e se torne verdadeiramente real, ele deve passar por um processo de desvelamento e reconhecimento. Esse processo, segundo Critelli (2006), requer que o ente saia de seu ocultamento e se revele para alguém, tornando-se visível e acessível a outras pessoas. Ao ser testemunhado, ele passa a integrar a percepção e o entendimento coletivo, sendo, assim, validado em sua relevância pública e

⁴ De acordo com Feijoo (2010, p. 80), o ser-aí trata-se de um ente que, comparado com os outros entes, ocupa uma posição privilegiada. O ser-aí, sendo, põe em jogo o seu próprio ser, estabelecendo uma relação consigo mesmo. Para este ente, seu ser manifesta e se compreende a partir de sua própria existência.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

reconhecido como verdadeiro. Para alcançar sua plena realidade, porém, ele precisa ser vivenciado afetivamente e de forma única por cada indivíduo. Aqui, a existência do ente se concretiza na experiência subjetiva e pessoal de cada um, ganhando consistência plena por meio da relação afetiva e singular que estabelece com quem o percebe.

Para Heidegger, a ideia de ser é genérica e abstrata, difícil de apreender diretamente, diferente dos entes que são limitados, finitos e identificáveis. De acordo com o autor, ente é tudo aquilo que é possível nomear ou identificar, qualquer coisa que esteja manifesta de forma concreta ou conceitual. Ainda para Heidegger, o *Dasein* é o ente privilegiado, o único capaz de se questionar e se interrogar, ações estas que estruturam a construção da existência. Ao se questionar, o *Dasein* efetiva o ato de transparecer-se, desvelar-se em busca do sentido existencial, revelando o embate entre *Ser* e *Ente* como condição ontológica.

Acerca do embate entre Ser e Ente, Feijoo (2010, p. 78) evidencia que:

Heidegger vai buscar, no questionamento, o desenvolvimento explícito do sentido do ser e não a sua origem, para tanto, faz-se necessário que a questão do ser transpareça, daí surge o seu sentido. A tentativa de desvelar o sentido do ser sugere que se distingam três momentos constitutivos essenciais: o questionado, o perguntado e o interrogado.

A autora continua:

Ao se questionar, busca-se o sentido. Para tanto, tem-se que retirar daquilo que se procura a sua direção prévia. Ciente da procura do ente tal como ele é, o questionado é o ser-dos-entes que, em si mesmo, apenas é si próprio. Ser de um ente sendo aquilo que o determina enquanto ente, no homem, refere-se à sua humanidade.

Tal compreensão permite a compreensão de que o ser humano se humaniza a partir do momento em que se questiona e busca o sentido de suas ações em sua existência. Contudo, com a evolução histórica das culturas ocidentais baseadas em produtividade e tecnologia, a representação do ser

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

passa a ser exclusivamente quantitativa, à medida que o mundo é visto como uma imagem capturada de maneira unicamente mecânica.

Possamai (2010, p. 8) traz a reflexão de que “a pergunta pelo ser cede lugar à pergunta pelo método - não é mais o *ser*, mas sim o *como*. A essência está ultrapassada pelo procedimento”. Essa é uma visão objetivista que simplifica a complexidade da realidade, reduzindo tudo “[...] a um mero estoque de recurso, a um manancial para extração – sempre calculável e mensurável” (Possamai, 2010, p. 9).

Isso significa que, ao se constituir a partir das determinações impostas pela técnica, o homem - o ente privilegiado - começa a se perceber de maneira semelhante aos entes com os quais interage. Os entes, por sua vez, são tratados como objetos disponíveis e manipuláveis e o ser humano, nesse processo, passa a se ver também como um objeto. Assim, *Dasein* passa a se compreender como algo objetificado, tornando-se passível de cálculo e mensuração, deixando, aos poucos, de se ver como ser de abertura e possibilidades, posicionando-se como um objeto controlável.

Na contemporaneidade, marcada por uma significativa evolução tecnológica, os recursos que inicialmente eram percebidos como ferramentas destinadas a facilitar a vida cotidiana, agora são compreendidos como essenciais para a existência humana. Essa transformação impacta profundamente a experiência do ser humano no mundo, já que o aumento da tecnologia altera a forma como percebemos e interagimos com a realidade. Processos que antes eram complexos, hoje são automatizados, simplórios e as informações passam a ser obtidas de forma rápida. Essa rapidez leva as pessoas a esperarem por resultados imediatos e, conseqüentemente, gera uma ilusão de que tudo pode ser planejado e garantido. A era tecnológica tem alterado as expectativas sobre eficiência e precisão, transformando a percepção sobre a vida e a experiência no mundo, ocasionando um esvaziamento da essência da técnica, resultando na perda do significado original das coisas do mundo, revelando uma compreensão rasa da realidade.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A essência da técnica está em “desabrigar o real” (Braz, 2018, p.157), o que implica que a técnica é um modo de revelar a realidade e preservar o saber e o conhecimento. Além disso, a técnica deve estar vinculada ao conceito de Alétheia⁵ (verdade), ou seja, deve nos orientar a compreender e revelar o mundo de formas que mantenham uma relação autêntica com o ser preservando o propósito e o sentido.

A sociedade produtiva é caracterizada, portanto, pela busca incessante por eficiência, pela qual o trabalho e a inovação tecnológica se tornam prioridades para o crescimento econômico e o desenvolvimento, destituindo os saberes de seus sentidos e propósitos originários. Essa busca contínua afeta não só as práticas econômicas, mas também a gestão do tempo e a qualidade de vida, influenciando as relações sociais e o bem-estar individual. Com isso, os aspectos materiais da vida são priorizados, enquanto os questionamentos sobre nossos verdadeiros propósitos estão sendo esquecidos. Como afirma Possamai (2010, p.9), "o crescente sentimento de vazio da era moderna só acontece porque se esvazia com ela o interesse em perguntar pela nossa verdade, a verdade do ser humano". Esse distanciamento da busca pela verdade humana tem moldado a existência, contribuindo para a alienação e um modo individualista do ser, elemento que será abordado no próximo tópico.

1.4 CULTURA HEDONISTA

O terceiro aspecto destacado para a compreensão da contemporaneidade é a cultura hedonista. Magnabosco (2017, p. 107), comenta: “Na contemporaneidade, autores como Bauman, Lipovetsky e Rojas, constataam a difusão de um modo hedonista e individualista de ser”. Para a autora, existe uma distorção entre o conceito de desejo imediato e o de necessidade. Pela perspectiva existencial, Magnabosco descreve a necessidade como parte da ontologia do ser, enquanto o desejo imediato se

⁵ *Alétheia*, do grego, que significa o não-oculto, não-escondido, não-dissimulado. Aquilo que é verdadeiro e aquilo que não pode ser esquecido. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

reduz a uma expressão do hedonismo. Nesse contexto, a felicidade é vista como o principal objetivo da vida, levando o indivíduo a fazer escolhas focadas no que traz maior prazer pessoal, como, por exemplo, a busca por bens materiais.

Esse modo de vida hedonista se caracteriza pela busca constante por prazer e satisfação imediata, refletindo em uma mudança significativa dos valores sociais. A autora descreve a necessidade, como fundamental para a existência humana. Enquanto o desejo imediato ligado ao hedonismo se reduz a uma mera expressão de impulsos e prazeres momentâneos, as necessidades são vistas como elementos essenciais que sustentam a vida.

Dentro do contexto contemporâneo, a felicidade surge como principal objetivo da vida moderna hedonista, que impulsiona os indivíduos a tomarem decisões baseadas no que lhe traz prazer pessoal. Uma manifestação desse hedonismo contemporâneo é a busca por bens materiais, que são priorizados a aquisição de produtos e experiências de consumo que trazem prejuízo de valores mais profundos, como as relações significativas e realizações pessoais. Tal comportamento implica na superficialidade das escolhas que se tornam cada vez mais focadas na gratificação instantânea, sendo assim, essa cultura pode resultar em um individualismo potencializado, pelo qual o sentimento de comunidade e as relações interpessoais são colocadas em segundo plano, em favor de interesses pessoais.

A necessidade, entendida como a “qualidade de necessário” (Magnabosco, 2017, p.108), está profundamente enraizada na experiência humana, transcendendo a simples satisfação de desejos momentâneos. Ela está intimamente ligada à nossa liberdade e autenticidade, representando aspectos fundamentais da nossa existência. Diferente dos desejos imediatos, que muitas vezes são superficiais, as verdadeiras necessidades refletem o que é indispensável para a nossa realização como seres humanos. Essas necessidades incluem “o sentido, o afeto, a convivência, a pertença, o cuidado, a reciprocidade e o vínculo” (Magnabosco, 2017, p.108).

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

No entanto, Magnabosco menciona que ao confrontar as realidades das necessidades humanas, tendemos a evitar perdas, tristeza e doenças, acreditando, especialmente no contexto hedonista contemporâneo, que essas experiências nos afastam da felicidade, dos afetos e das relações. Aprendemos a enxergar esses aspectos da vida como ameaças ao nosso bem-estar. Contudo, para Magnabosco, essa visão é ilusória, pois tais experiências – embora difíceis e desafiadoras – fazem parte da condição humana. A felicidade não está apenas na ausência de sofrimento, mas também na forma como lidamos com essas dimensões inevitáveis à nossa existência.

Na cultura contemporânea, somos frequentemente ensinados a entender o adoecer como a negação da saúde, o que reflete uma visão reducionista sobre o que significa estar saudável. Nessa perspectiva, ser saudável é visto como a ausência total de doença, dor ou qualquer tipo de limitação física ou emocional, enquanto a saúde deveria ser compreendida como um estado mais amplo e dinâmico. Para Magnabosco (2017, p. 115), “esse modo de pensar nos leva a imaginar algo que muitas vezes temos horror: a possibilidade da morte”.

No cotidiano, muitas vezes agimos de forma automática, agindo impulsivamente em vez de refletir sobre nossas ações e emoções. Segundo Magnabosco, essa maneira de viver nos mantém presos em um ciclo de medo e negação em relação às nossas sensações, fazendo com que deixemos para depois a compreensão de como respondemos às demandas da vida. Contudo, na contemporaneidade, tendemos a interpretar essas vivências não como possibilidade, mas como meros padecimentos ou patologias, o que restringe nossa capacidade de entender a complexidade da experiência humana. Essa visão limitada contribui para uma sociedade cada vez mais medicalizada, onde problemas emocionais e existenciais são frequentemente tratados apenas com intervenções médicas, em vez de serem abordados de maneira holística e integrada. Nesse contexto, Ivan Illich oferece uma contribuição significativa sobre a Sociedade Anestesiada, tema que será explorado no próximo tópico.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

1.5 SOCIEDADE ANESTESIADA

O quarto e último elemento abordado, a sociedade anestesiada, refere-se a uma situação em que uma parcela significativa da população parece estar adormecida, como se estivesse sob efeito de anestesia. Essa metáfora está relacionada a um contexto social em que, com a tecnologia da medicina, o uso de medicamentos é altamente difundido e considerado como solução predominante para uma série de problemas de saúde física e psicológica, bem como os problemas existenciais.

Para Foucault, a palavra medicalização está ligada a uma medicina que, “valendo-se do poder de seu discurso científico, toma a sociedade como objeto de higienização, disciplinando os corpos” (Foucault, 2001 *apud* Sanches; Amarantes, 2014, p. 507) e expandindo sua influência a ponto de regular os comportamentos individuais: o biopoder, ou seja, o poder sobre a vida das pessoas.

O poder disciplinar para Foucault “pauta-se em uma nova forma de olhar e falar sobre os corpos e seu funcionamento” (Foucault, 2001 *apud* Sanches; Amarantes, 2014, p. 507). Com o surgimento dessa racionalidade científica, a saúde e a doença tornam-se objetos de estudo da medicina, e condições anteriormente vistas como parte da vida *normal*, como tristeza, ansiedade e estresse, são agora frequentemente tratadas como patologias que demandam intervenção farmacológica.

A doença passou a ser entendida como “um estado corporal, permitindo sua leitura pela ciência” (Sanches; Amarantes, 2014, p. 507). Com isso, os sintomas passam a ser vistos como os principais indicadores da doença, sinalizando uma patologia, transformando o sujeito em paciente, sendo percebido pelo olhar clínico “como um conjunto de órgãos e tecidos” (Sanches; Amarantes, 2014, p. 507). O poder da medicina, então, passa a regular a vida social pelo saber médico, oferecendo soluções clínicas para problemas que são causados, principalmente, por condições sociais e econômicas.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Para Ivan Illich (1975), as tecnologias de saúde disponíveis poderiam auxiliar as pessoas a enfrentarem a realidade da morte, da dor e das doenças. No entanto, ele criticava a medicina moderna por tentar erradicar essas condições, o que, em sua visão, era um desvio de propósito. De acordo com ele, "essa prática tem transformado as pessoas em consumidores ou objetos, destruindo sua capacidade pessoal de busca e autonomia em relação à própria saúde" (Sanches; Amarantes, 2014, p. 507-508). Com isso, o uso de medicamentos tem se tornado cada vez mais comuns e, muitas vezes, sem necessidade terapêutica, fazendo com que soluções farmacológicas sejam vistas como a principal maneira de enfrentar desafios emocionais e existenciais.

Com a crescente influência da medicina científica, também conhecida como biomedicina, Tesser (2006, p. 348) destaca as palavras de Illich (1975), que "menciona a outra face da medicalização social, que gera o fenômeno da contraproduktividade". Esse fenômeno é típico das sociedades industriais contemporâneas e ocorre quando a aplicação de ferramentas sociais e tecnológicas resulta em efeitos contrários aos seus propósitos originais.

A sociedade atual valoriza resultados imediatos e a eliminação de desconfortos, o que impulsiona a procura por tratamentos que prometem soluções rápidas para questões que, na verdade, são complexas e multifatoriais. Nesse cenário, as indústrias farmacêuticas adotam diversas estratégias para expandir seu mercado. Angell (2008, p. 16) argumenta que os laboratórios farmacêuticos se distanciaram de sua missão original de descobrir e produzir medicamentos úteis à população, transformando-se em potentes máquinas. A comercialização exacerbada de medicamentos, o lançamento de novos fármacos e o incentivo à prescrição fortalecem a disseminação da cultura do medicamento, proporcionando um cenário cultural no qual *Dasein*, anestesiado, não experencia os diversos aspectos da vida que poderiam lhe trazer a consciência da finitude. Neste contexto, coloca-se em um modo-de-ser cotidiano alienado de si-mesmo-próprio, esquecido das questões existenciais

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

como tarefas. De maneira geral, a alienação da finitude na contemporaneidade se manifesta por meio de diversas perspectivas interligadas, que refletem as dinâmicas sociais, culturais e tecnológicas atuais.

A análise de Byung-Chul Han sobre a exaustão física e mental causada pela pressão por produtividade conecta-se com a crítica de Heidegger sobre a questão da Técnica, a qual evidencia uma sociedade onde a vida é reduzida a um ciclo de produção e consumo. Esse fenômeno é complementado pela análise de Maria Madalena Magnabosco, que destaca uma cultura hedonista centrada no prazer imediato e pelas reflexões de Ivan Illich sobre uma sociedade cada vez mais dependente de soluções médicas superficiais, que desconsideram as raízes emocionais e sociais das questões existenciais.

Portanto, observa-se tal contexto que produz modos-de-ser em esvaziamento da essência da vida, no qual a produtividade se torna a prioridade central. Tal esvaziamento se revela na demanda por respostas rápidas e soluções superficiais, ignorando a complexidade da existência humana. Essa busca por resultados imediatos distancia o indivíduo de necessários aprofundamentos sobre sua própria experiência, levando a uma desconexão com seus processos existenciais, bem como não os reconhecendo nos outros, resultando em uma vida social na qual importantes significados e sentidos, tal como a consciência da finitude, se perdem em meio a um cotidiano dominado por prescrições farmacológicas e consumos.

2. REFLEXÕES E DISCUSSÃO

A compreensão da finitude não deve ser vista como algo negativo, mas como uma condição essencial para a existência autêntica. A tarefa ontológica da finitude está intrinsecamente ligada ao propósito de proporcionar um modo de vida pautado na liberdade, na abertura e no sentido. Reconhecer e enfrentar a morte permite ao *Dasein* viver plenamente no presente, identificando o que é verdadeiramente significativo em sua existência. Nesse sentido, Heidegger

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

considera a finitude não como uma condição isolada, mas como um aspecto que conecta o ser humano ao mundo e às suas possibilidades. Esse reconhecimento coloca o indivíduo em um estado de abertura, permitindo que ele se relacione com o mundo de maneira mais profunda. É através do posicionamento de abertura frente a si-mesmo, ao outro e ao mundo que o ser humano é chamado a viver uma vida com sentido, não fugindo da angústia que a finitude geralmente traz, mas encarando-a como um caminho para a liberdade existencial.

Nesse contexto, *Dasein*, como ser de abertura, torna-se disponível para experiências, relações e responsabilidades, aceitando as angústias inerentes à condição humana sem evitá-las. Como afirma Heidegger (2005, p. 44-45), “encarar a finitude de maneira consciente possibilita uma existência mais significativa, marcada pela autenticidade e pela conexão com o que realmente importa”. Isso implica em transformar a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo. Ao reconhecer a finitude como parte essencial da existência, o indivíduo deixa de viver em função de ilusões e passa a refletir sobre seus projetos existenciais, se aproximando, então, do que Forghieri (1993) chama de saúde existencial.

Para Forghieri (1993), a saúde existencial transcende a ausência de sintomas físicos, psicológicos ou sofrimentos. Trata-se da capacidade do indivíduo de viver autenticamente, aberto às possibilidades que o seu existir oferece. Essa saúde não está vinculada apenas ao corpo, mas à totalidade do ser, caracterizando-se pela liberdade de dispor das múltiplas relações possíveis com o mundo. Forghieri enfatiza as palavras de Boss ao descrever que:

A essência fundamental do homem sadio caracteriza-se precisamente pelo seu poder de dispor livremente do conjunto de possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo (Boss, 1976 *apud* Forghieri, 1993, p. 104)

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

De acordo com essa perspectiva, o ser humano saudável é aquele que vive em harmonia com sua condição de ser-no-mundo-com-o-outro, mantendo uma constante abertura às possibilidades que o mundo lhe oferece. Sua existência é caracterizada pela liberdade, autenticidade e pela capacidade de se envolver plenamente com o que o cerca. Nesse processo, ele vai gradualmente se conectando às suas possibilidades de existir, descobrindo e mobilizando os recursos internos e externos para lidar com as situações que enfrenta. Quando essas situações se mostram difíceis de resolver, mesmo com esforço, o indivíduo saudável reconhece os próprios limites e se abre a novas possibilidades, lançando-se a outras experiências. Esse movimento contínuo de enfrentar desafios, aprender com os limites e renovar-se possibilita uma existência marcada por saúde existencial.

Ser saudável existencialmente significa viver uma trajetória que inclui tantos momentos de grande satisfação e bem-estar quanto de angústia e aflição, porém, com a tranquilidade de estar enfrentando a vida com coragem. Essa coragem, por sua vez, permite que o indivíduo siga em frente, “abrindo-se às possibilidades do existir, desenvolvendo ao máximo suas potencialidades e ampliando continuamente sua compreensão de si mesmo e do mundo” (Forghieri, 1993, p. 105). Portanto, essa coragem não significa ausência de medo ou sofrimento, mas a capacidade de reconhecer que a angústia faz parte da condição humana.

Diante desta compreensão sobre a consciência da finitude e saúde existencial, é possível observar como os aspectos culturais explanados ao decorrer deste trabalho, colaboram para a alienação da consciência da finitude e conseqüentemente para o afastamento da saúde existencial. A "sociedade do cansaço", como descrita por Byung-Chul Han (2015), contribui para tal alienação, ao transformar a vida em uma busca incessante por produtividade e desempenho, esvaziando os sentidos mais profundos da existência. Sob a pressão da dopagem cultural e da cultura da analgesia, legitima-se uma cultura de evitação a qualquer sofrimento e dor, desde a esfera biológica, passando

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

gradativamente a criar modos de ser e viver desconectados dos processos de sofrimento inerentes à vida.

Para compreender as questões existenciais é necessário ao *Dasein* passar por *ritos de passagens* (Sapienza; Pompéia, 2005), ritos pelos quais alguma coisa morre para dar abertura a outra, ou seja, é necessário viver profundamente os lutos diversos que se apresentam à existência. Em uma sociedade produtiva em que o ser humano se encontra anestesiado o tempo todo, aprisionado exaustivamente na dimensão do trabalho, *Dasein* deixa de viver o ritual da finitude, mesmo que simbólico, tornando esse ritual desimportante para a existência, deixando de significar a morte, mesmo que de forma simbólica. Esses ritos têm sido esvaziados ou ignorados, pois o foco está constantemente no fazer, no produzir e no superar metas, em detrimento do ser e do vivenciar. Essa ausência desconecta o ser humano de sua dimensão existencial e simbólica, privando-o de momentos que lhe permitam lidar, de forma ritualizada, com a dor, o sofrimento e a finitude. Sem ritos que ofereçam espaço para essas vivências, *Dasein* é levado a negar a finitude e a construir uma ilusão de que lhe é possível um desempenho e produtivismo ilimitados, tomando o lugar da aceitação da fragilidade humana. Essa negação pode ser entendida como uma primeira alienação em relação à consciência da própria mortalidade, um afastamento de nossa condição finita.

Outro elemento é a crítica de Heidegger sobre a Técnica, que retrata sobre a questão do esvaziamento do sentido do conhecimento, transformando a vida humana em apenas acesso a recursos. A redução do ser humano a um *estoque de recursos* e a primazia do *como* sobre o *porquê* esvaziam o significado da existência, transformando o *Dasein* em um objeto mensurável, calculável e funcional. Priorizar a técnica, é fundado na ideia de produtividade, que se associa à ideia de Han, e também coloca o ser humano frente a uma superficialidade do viver, ou seja, o mundo todo transformado a recursos, necessita apenas de técnica, isso retira do *Dasein* a ideia de aprofundamento nas questões existenciais. Ao priorizar a técnica e os resultados imediatos, a

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

era tecnológica esvazia a experiência do real, substituindo a contemplação e a autenticidade ontológicas por uma superficialidade que ignora a complexidade e a singularidade da existência. Desta forma, a finitude é reduzida a um procedimento técnico, caracterizado pela tentativa de lidar com a morte do outro de maneira pragmática e distante. Essa abordagem evita confrontar a consciência da própria finitude, funcionando como uma estratégia para minimizar o sofrimento antecipado, mas que, ao mesmo tempo, priva o indivíduo de uma vivência mais profunda e significativa. Esse equívoco afasta o *Dasein* de um contato genuíno com a angústia, que é uma vivência inerente da condição humana. Ao evitar esse enfrentamento, *Dasein* nega-se à oportunidade de integrar a finitude à experiência de vida, perdendo o potencial transformador que essa consciência pode oferecer.

Ao viver em uma sociedade produtiva, tecnicista, as questões existenciais vão sendo colocadas de lado, sendo, cada vez mais difícil para *Dasein*, lidar com qualquer angústia que emergja em seu cotidiano e por não conseguir lidar com essa angústia, vive acoplado-se a essas condições como uma evitação da tarefa ontológica da consciência da finitude

Ademais, a cultura hedonista contemporânea, como descrita por Magnabosco (2017), promove uma visão superficial da existência, centrada na busca de prazer imediato e na negação do sofrimento. Ao confundir desejo com necessidade, o hedonismo esvazia aspectos fundamentais da experiência humana, tais como o sentido, o cuidado e as relações significativas, privilegiando escolhas individualistas e consumistas. Essa perspectiva reduz o adoecer e a morte a meros obstáculos à felicidade, ignorando seu papel intrínseco na compreensão da condição humana de precariedade.

Magnabosco apresenta o que é necessidade existencial, a qual é uma convocação ao *Dasein* para que ele cuide da sua existência, o que vai lhe possibilitar a saúde existencial. Ao ceder aos ímpetus hedonistas, *Dasein* deixa de enfrentar as tarefas ontológicas, que muitas vezes são difíceis, dolorosas, trazem sofrimentos e reflexões, mas necessárias. Quando *Dasein* se conecta a

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

uma vida de aparências, ilusões, consumos e prazeres, acaba afastando-se da condição existencial de ter que lidar com a consciência da finitude.

Além disso, a proposta de Ivan Illich sobre a sociedade anestesiada descreve um cenário em que uma parte significativa da população está imersa em uma desconexão com a realidade, dependente do uso excessivo de medicamentos. Isso transforma as pessoas em consumidores passivos, enfraquecendo sua autonomia e capacidade de lidar com suas próprias condições de saúde. A busca por soluções farmacológicas rápidas reflete a valorização da eliminação imediata do desconforto, mascarando questões mais profundas e complexas que exigem enfrentamento e reflexão.

Ivan Illich aborda o conceito de epistemicídio moderno, no qual a tecnologia médica reduz a questão da morte a uma mera técnica de preservação da vida, desconsiderando os aspectos existenciais e culturais que envolvem a finitude humana. A própria medicina, que deveria abordar e refletir sobre o sentido da morte, falha nesse papel, impondo às pessoas o imperativo da vida prolongada, sem considerar as dimensões existenciais desse processo. Ao adotar essa postura, impõe uma condição cultural em que se torna normal e aceitável evitar ou adiar a morte, ou seja, a própria medicina estimula uma cultura que se afasta da reflexão sobre a morte e o morrer.

Assim, percebe-se que a sociedade do cansaço/produção, a questão da técnica levantada por Heidegger e a proposta de Maria Madalena Magnabosco de uma cultura hedonista, convergem para uma lógica tecnicista de prolongamento da vida e para o afastamento da consciência da morte, construindo uma cultura que legitima, como valor, o alongamento da juventude, a busca por produção e funcionalidade ilimitadas, sem sequer passar por reflexões de fechamento, desfechos e encerramento de ciclos, mortes simbólicas, mesmo a própria morte física.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

3. METODOLOGIA

O presente artigo tem como metodologia a revisão de literatura do tipo narrativa. Segundo Brizola e Fantin (2016), a revisão de literatura reúne obras relevantes sobre um tema, permitindo que o pesquisador dialogue com os autores selecionados para fundamentar seu estudo. A revisão narrativa, por sua vez, tem como objetivo descrever e analisar o desenvolvimento de um tema a partir de uma perspectiva teórica ou contextual, como aponta Rother (2007).

Dessa forma, este estudo explora trabalhos que elucidam a relação do *Dasein* com o fundamento ontológico Ser-para-a-morte, sustentando a discussão em questão: a alienação da consciência da finitude na contemporaneidade. Para esta tarefa, foi utilizado o livro “A Escuta e a Fala em Psicoterapia”, de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2010), como base para explorar o conceito de ser-para-a-morte de Martin Heidegger, destacando sua relevância para a compreensão da finitude. Além disso, foram consultadas as obras “O ‘Fora-de-si’ como raiz antropológica do mal-estar contemporâneo”, de José Paulo Giovanetti (2023); “Outras Palavras em Psicopatologia”, de Maria Madalena Magnabosco (2017), e os artigos “Sobre a Questão da Técnica em Heidegger”, de Suzane Costa Lopes Braz (2018); e “Medicalização Social: o excessivo sucesso do epistemicídio moderno na saúde”, de Charles Dalcanale Tesser (2006), para traçar um panorama da sociedade contemporânea. Outrossim, a obra “Saúde e Adoecimento Existencial: O Paradoxo do Equilíbrio Psicológico” de Yolanda Cintrão Forghieri (1996), será utilizada para demonstrar como a alienação da finitude contribui para o adoecimento existencial, sugerindo que a aceitação da finitude pode ser um caminho para a saúde mental e o bem-estar psicológico. É importante destacar que outras obras foram abordadas ao longo do trabalho, entretanto, estas são as principais fontes utilizadas.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

4. CONCLUSÃO

Tendo em vista a discussão acerca de como a consciência da finitude, o ser-para-a-morte, pode contribuir para a construção da saúde existencial na contemporaneidade, o presente trabalho teve como objetivo compreender como a alienação da consciência da finitude impacta a saúde existencial.

Nesta revisão, foi possível identificar como a Psicologia Fenomenológico-Existencial oferece uma perspectiva profunda para compreender as vivências humanas em sua complexidade. A análise existencial proposta por Martin Heidegger revelou que, embora o ser não possa ser reduzido a uma definição exata, a investigação sobre seu sentido é essencial, especialmente quando consideramos questões como finitude, liberdade, temporalidade e coexistência. Nesse contexto, o ser-para-a-morte demonstrou ser um elemento ontológico central para compreender *Dasein* como um ser de sentido e compreensão, imerso em uma coexistência hermenêutica, permeada por conteúdos culturais, mas também dotado de características existenciais que transcendem variáveis contextuais. Assim, ao explorar a finitude como uma dimensão constitutiva da existência, este estudo contribuiu para reflexões sobre como o ser humano atribui sentido à sua vida, orientado pela sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo, atravessado pela consciência da finitude.

Ademais, pode-se compreender, através da contextualização dos aspectos culturais que sustentam a alienação da consciência da finitude, como as estruturas sociais contemporâneas influenciam a relação do ser humano com sua existência finita. Por meio das reflexões de Byung-Chul Han sobre o esgotamento mental na sociedade do cansaço, da crítica de Heidegger à técnica como elemento que obscurece a essência do ser, da análise de Maria Madalena Magnabosco sobre o hedonismo e dos apontamentos de Ivan Illich sobre a sociedade anestesiada, ficou evidente como essas dinâmicas culturais contribuem para o distanciamento da consciência da finitude, ampliando o sofrimento mental.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Por fim, foi abordado um diálogo sobre tarefas ontológicas, modo de vida autêntico, saúde existencial e alguns aspectos culturais. Essa análise permitiu concluir que a compreensão da finitude, longe de ser percebida como algo negativo, constitui uma condição essencial para uma existência autêntica, fundamentada na liberdade, na abertura e no sentido. Para Heidegger, encarar a finitude de forma consciente permite ao *Dasein* viver de maneira significativa, reconhecendo o que realmente importa. Essa perspectiva ressoa com a noção de saúde existencial de Forghieri, que transcende a ausência de sintomas e se caracteriza pela capacidade de viver autenticamente, enfrentando angústias e desafios com coragem e abertura às possibilidades do existir. Assim, a integração dessas reflexões não apenas aprofunda a relação do ser humano com sua própria existência, mas também oferece caminhos para o cuidado psicológico e o bem-estar, promovendo uma vida marcada pela autenticidade e conexão com o mundo. Para alcançar saúde existencial, o ser humano é chamado a integrar à sua vida os aspectos dolorosos e desafiadores, como a morte e o sofrimento, e utilizá-los como parte do crescimento pessoal, esse enfrentamento consciente da finitude permite uma existência mais aberta e livre em saúde existencial, bem como em saúde mental.

CONSCIOUSNESS OF FINITUDE AS EXISTENTIAL HEALTH IN CONTEMPORARY TIME: AN EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL REFLECTION

ABSTRACT

This article explores how the consciousness of finitude or the being-for-death, proposed by Heidegger, contributes for the construction of existential health on the contemporaneity. The paper identifies the alienation of consciousness of the finitude as a factor that negatively affects existential health, highlighting how the actual cultural structures are favorable for said alienation. For the existential comprehension proposed in this paper, it's important to revisit the contributions of 1)Byung-Chul Han; in his reflection about The Burnout Society 2)Martin Heidegger, in his critics about Technic questions 3)Maria Madalena Magnabosco, in her

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

considerations about the hedonist culture and 4)Ivan Illich, who highlights about the avoiding of death and suffering. The analysis reveals that the consciousness of finitude don't have to be considered as something negative, but as a way for an authentic life, characterized by freedom, opening and sense. The Existencial Health, according to Forghieri, it's the capacity of living in an authentic way, facing the challenges and anguishes. The studies concluded that including finitude to contemporary experiences turns it possible to have a more significant and authentic life,in both the existencial aspect and mental health.

Key-words: Phenomenological-Existential Psychology – Finitude – Contemporaneity – Existential Health – Alienation of Finitude



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

REFERÊNCIAS

- Aletheia**, Canoas, n. 21, p. 5-6, jun. 2005. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000100001#:~:text=Aletheia%2C%20palavra%20grega%2C%20que%20significa,ou%20existe%20tal%20como%20%C3%A9.> . acesso em 26 nov. 2024.
- ANGELL, M.A. **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- CORBANEZI, Elton. HAN, Byung-CHUL. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Ampl. Petrópolis, Vozes, 2017. 128 pp. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 30, n. 3, p.336.
- BRAZ, Suzane Costa Lopes. **Sobre a questão da técnica em Heidegger**. Argumento, n. 14, p. 167-166, 2018.
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale de Arinos-RELVA**, v. 3, n.2, 2016.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. 2. ed. - Rio de Janeiro: IFEN, 2010.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Saúde e adoecimento existencial: O paradoxo do equilíbrio psicológico**. Temas em Psicologia, v. 4, n. 1, p. 97-110, 1996.
- GIOVANETTI, José Paulo. **O “Fora-de-si” como raiz antropológica do mal-estar contemporâneo**. In: Cardoso, C.L. Giovanetti, J.P. Evangelista, P.E. Sofrimento existencial e clínica psicológica fenomenológica: ensaios e pesquisas sobre atendimento online. 1. Ed. – Artesã, 2023
- HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. Scientiae Studia, v. 5, n. 3, p. 375-398, jul. 2007.
- MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Outras palavras em psicopatologia**. – Belo Horizonte: Ophicina de Artes & Prosa, 2017.
- MASSIMI, Marina, PERES, Sávio Passafaro. **História da psicologia fenomenológica**. São Paulo. Edições Loyola, 2019.
- POSSAMAI, Fábio Valenti. **A técnica e a questão da técnica em Heidegger**. Intuitio, v.3, n. 1, p.20-32, 2010.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisión sistemática X Revisión narrativa.** Acta paulista de enfermagem, v. 20, p. v-vi, 2007.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental.** Saúde em debate. V. 38, p. 506-514, 2014.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas.** EDUC - Editora da PUC-SP, 2017.

TESSER, C. D. **Social medicalization (II): biomedical limits and proposals for primary care clinics.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.10, n.20, p.347-62, jul/dez 2006.